

Anac: preço de passagens aumenta 29,5% em um mês



Vontade de viajar, mas... Com a volta a atividades presenciais, preços das passagens aéreas subiram no primeiro trimestre. O movimento ganhou força com a alta do preço do querosene de aviação, que representa 40% dos custos das empresas

RUMO À ESTRATOSFERA

NAS ALTURAS

Com reabertura e guerra da Ucrânia, preço de passagem sobe 29,5% em um mês

IVAN MARTÍNEZ-VARGAS E RAPHAELA RIBAS economista@oglobo.com.br @SICRENSA1890

A combinação de guerra na Ucrânia e reabertura da economia levou a uma escalada no preço das passagens. De fevereiro para março, de acordo com levantamento da Agência Nacional de Aviação Civil (Anac), houve aumento de 29,5% na tarifa média real. Na comparação com março do ano anterior, o salto foi de 68,6%. É um retrato, principalmente, do impacto do conflito no Leste Europeu sobre os preços dos combustíveis e da volta às ruas do brasileiro no início do ano com a retomada de atividades presenciais. A alta de preços pode frear a retomada do setor aéreo, um dos mais afetados pela pandemia. Para o consumidor, ficou mais difícil fazer caber o valor da passagem no orçamento. Outro indicador reforça a tendência. O valor médio pago por quilômetro voado, chamado no jargão do mercado de yield, subiu 31,2% de fevereiro a março. Em relação a março de 2021, a disparada foi de 81%.

O cenário adiante é de mais turbulência em voo. O querosene de aviação (QAV) subiu na refinaria esta semana, um movimento que deve retroali-

mentar a alta de preços. Somente no ano passado, o combustível subiu 91%. Até 29 de maio, a alta acumulada chega a 36,42%, sem considerar o ICMS, segundo a Agência Nacional do Petróleo (ANP).

O combustível tem preço atrelado ao dólar e representa cerca de 40% da matriz de custos de uma companhia aérea brasileira. A oscilação na estirra da guerra, margens reduzidas e o peso do item dificultam a tarefa de segurar o repasse.

Para o consumidor, muitas vezes a saída é rever planos. O criador de conteúdo Levi Kaique Ferreira, de 28 anos, desistiu da viagem com amigos para Florianópolis em novembro por causa do preço do bilhete e das diárias do hotel.

— Vimos um valor de passagem e pensamos em ir, mas logo depois subiu. Até parcelaria se a diferença fosse pouca, mas não é. Está muito instável. Não sei quanto o combustível subiu. Uma passagem que paguei R\$ 250 em janeiro pela ida e volta de Campinas para o Rio encontro no site por R\$ 1.117 — diz ele, que a cada dois meses faz este trecho e da última vez optou por ir de ônibus.

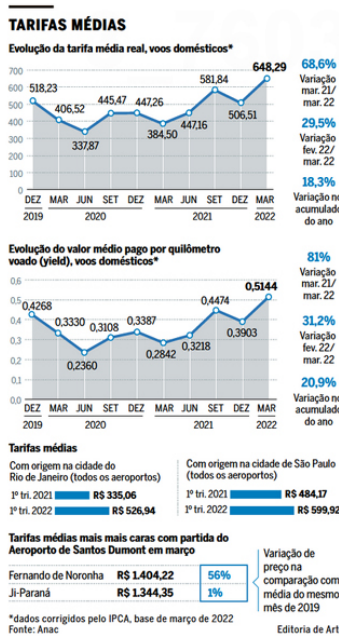
O cenário adiante é de mais turbulência em voo. O querosene de aviação (QAV) subiu na refinaria esta semana, um movimento que deve retroali-

ment e Galeão, no Rio, com destino a aeroportos de São Paulo (Guarulhos, Congonhas, Viracopos e Ribeirão Preto), pagaram em março R\$ 614,18 por um bilhete de ida e volta, 30% a mais que os R\$ 470,80 de média desembolsados por quem voou em fevereiro e 172% a mais que em março de 2019 (R\$ 347,47).

A partir do Santos Dumont, a rota para Fernando de Noronha tinha a média de preços mais alta em março: R\$ 1.404,22, uma tarifa 56% maior que a praticada no mesmo mês de 2019.

Segundo André Castellini, sócio da consultoria Bain & Company, a demanda por voos domésticos no fim do primeiro trimestre foi marcada pelo rescaldo da demanda reprimida durante a pandemia. Para ele, a recuperação ainda pode ter fôlego nos meses de alta temporada, mas a elevação dos preços dos bilhetes pode minar a demanda nos meses de menor procura.

— Uma parte dessa demanda por passagens vem de pessoas que adiaram férias ou compromissos durante a pandemia e agora retomam as viagens, mas isso tem fôlego limitado. A demanda regular no Brasil tem elasticidade, ou seja, é sensível a preço, e a renda média do brasileiro não su-



biu na proporção do preço das passagens — afirma.

Para quem faz planos de viagem, a saída é pesquisar. A fisioterapeuta Hanna Gomes acompanha há um mês os valores da passagem de Rio Branco, no Acre, para o Rio, onde ela e o marido vão visitar a família e pretendem assistir ao show da banda Coldplay, em outubro. A passagem, que oscila entre R\$ 1 mil e R\$ 1.200 por pessoa, está na faixa de R\$ 1.800 a R\$ 1.900, segundo ela. Sem visitar o Rio desde 2019, por causa da pandemia, ela espera uma trégua para comprar o bilhete:

— Estou tentando ver se consigo encontrar um preço mais em conta.

Segundo Castellini, as viagens corporativas, que têm ticket médio maior e são mais rentáveis para as empresas, têm voltado com mais vigor neste ano, mas ainda são minoria. Para ele, as empresas têm operado com margens reduzidas e não há espaço para reabsorver altas de custos.

— Há uma competição da aviação com outros modais, especialmente com o rodoviário nas viagens a lazer, que voltam a ser a resposta para o consumidor que não pode pagar o novo patamar de tarifa aérea. É uma escolha por preço, similar ao que alguns precisaram fazer ao escolher que carne comprar no supermercado — compara.

Para Márcio Peppes, sócio-líder de aviação da KPMG, a alta nos preços das passagens é global e deve perdurar enquanto o petróleo estiver em alta, mas o Brasil pode ser afetado pela desaceleração da atividade econômica adiante.

— A demanda doméstica da aviação está próxima do patamar possível para uma economia que não está fortalecida, como a do Brasil.

Pesquisar e comprar com antecedência fazem a diferença, dizem analistas

Atualmente, para viajar de avião, o brasileiro precisa dominar a arte de conseguir conciliar preço acessível a datas viáveis. Segundo especialistas, uma das principais dicas é pesquisar e comprar com antecedência.

— Para voo nacional, o ideal é de 30 a 60 dias antes da data do voo. Menos ou mais do que isso, o voo estará cheio e vazio, respectivamente, e a empresa não terá interesse em vender mais barato — diz a empresária e especialista em turismo

Thyara Rodrigues. No caso dos internacionais, ela recomenda um período de 45 dias a quatro meses, no máximo seis: acima disso é comum haver cancelamentos. Thyara sugere ainda seguir redes sociais de empresas aé-

reas e sites que vendem passagens, para acompanhar as promoções. Vale cadastrar alertas para os destinos desejados. A diretora de voos da Decolar, Daniela Araújo, também defende a compra antecipada de bilhetes. Ediz que é preciso

ver as condições de pagamento, pois pode haver benefícios diferenciados. Daniela recomenda ainda a compra de pacotes: segundo ela, a passagem comprada separadamente chega a custar até 35% a mais do que quando em con-

junto com a hospedagem. Ambas concordam, porém, que é lenda haver um dia ou horário melhor para comprar passagens. Segundo Thyara, as promoções surgem "a qualquer hora do dia". Também é importante ser flexível. Sexta-feira e domingo à noite são os dias mais caros, assim como os feriados. (Raphaela Ribas)

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Economia **Página:** 17